

Escola Secundária Eça de Queirós

Ano Lectivo 2009/2010

Design de Comunicação e Audiovisuais |10º M | Leonel Cunha

Os objectos

Quando em Design, falamos de objectos, estamos a considerar as **formas materiais fabricadas pelo homem e portadoras de valor de uso.**

O objecto tem um carácter passivo (não tem vida própria) mas ao mesmo tempo é fabricado. É produto do Homo Faber; actualmente é produto de uma civilização industrial, da qual somos parte constituinte. Civilização que é tanto criadora como dependente de objectos.

Desde o machado dos tempos dos tempos primitivos, até às produções mais sofisticadas dos nossos dias, encontramos um desejo comum: **adaptação ao meio e criação de uma vida melhor.**

A cada objecto damos um nome que o caracteriza. As casas (objectos para habitar), as roupas (objectos para proteger o corpo), os talheres (objectos para ajudar a comer), têm connosco relações de carácter utilitário, pelas quais os definimos. Um objecto que não é usado, só o é em potência mas não em realidade. O objecto só se encontra numa base real quando é utilizado.

À priori designamos um objecto pelas suas propriedades mais em evidência, quer formais, numa percepção imediata, quer funcionais, pela memória do seu valor de uso. Uma casa, um banco ou uma caixa, têm funções diferentes, mas podem ter todos a mesma forma cúbica. Por isso para a caracterização de um objecto, a posição que este ocupa dentro de uma determinada estrutura é mais importante que a sua forma. A posição que o objecto ocupa, é que vai ajudar a determinar a sua característica predominante. Resta agora saber se a sua forma é ou não é a mais adequada à posição que ocupa dentro dessa estrutura. Estabelecemos, desde logo, uma relação íntima entre a **forma** do objecto e a **função** que este vai desempenhar. Assim, a utilização funcional de um determinado objecto é **um factor que vai condicionar a sua forma.**

A riqueza expressiva do objecto demonstra-se considerando dois níveis de linguagem:

-um **denotativo**, que se refere aos significados objectivos dos códigos, sejam eles funcionais ou convencionais.

-outro **conotativo**, que se refere às propriedades subjectivas, às emoções e sentimentos que uma forma nos desperta.

Tomando como exemplo um objecto de produção industrial, vemos que o designer o dota de um determinado número de características formais, que indicam a função a que o objecto se

Escola Secundária Eça de Queirós

Ano Lectivo 2009/2010

Design de Comunicação e Audiovisuais |10º M | Leonel Cunha

destina. Uma caneta deve parecer que serve para escrever, um banco deve parecer que serve para nos sentarmos nele. O contrário causaria confusão e desagrado. Estes são valores denotativos.

A caneta pode ser, ao nível estético, agradável ou desagradável em função das suas propriedades formais, que irão proporcionar no utilizador uma determinada reacção. Estes são valores conotativos.

Em qualquer objecto é possível verificar como se articulam em si estes dois níveis, com preponderância de um ou de outro.

CLASSIFICAÇÃO

As classificações têm um valor relativo a uma determinada etapa do processo de produção. É no entanto um passo a dar necessário a um perfeito conhecimento e sistematização do processo de estudo. Para classificar, começa-se por dividir um conceito genérico, fixando as espécies que nele se acham contidas, estabelecendo uma hierarquia, que vai dos conceitos de maior extensão aos de menor extensão. Para isso tem de se adoptar um critério, ou ponto de vista, que servirá as operações a efectuar.

Os critérios de avaliação devem ser tomados como modos de aproximação, porque, cada um desses critérios revela qualquer coisa dos vários papéis do objecto. Assim, com base na leitura de várias classificações, obedecendo cada uma delas a critérios diferentes, revelam-se novas facetas do objecto.

Numa classificação genérica podemos dividir os objectos em **utilitários** e **não-utilitários**. Utilitários aos objectos de uso material e utilidade imediata. Não-utilitários, aos objectos com funções religiosas, artísticas ou culturais, que embora sejam usados e úteis, são-no a diferentes níveis, onde o homem revela outro tipo de necessidades que não são materiais.

Segundo Bergson, "em cada objecto humano há um grau de criatividade e a única separação real entre o objecto de uso e o objecto artístico consiste em medir esse grau de criatividade: operação tão complexa que necessitou de séculos de reflexão e de múltiplas interpretações."

Apesar de ligados entre si por um ponto comum, uso e beleza mantêm-se irredutivelmente diferenciados: nenhum utensílio será alguma vez explicado cabalmente como uma obra de arte ou vice-versa. Por mais elaborado que seja o seu mecanismo, o utensílio será sempre intrinsecamente simples, ao passo que a obra de arte que é um complexo de vários estados e níveis de intenções intrincados, por muito simples que o seu efeito possa parecer, será sempre

Escola Secundária Eça de Queirós

Ano Lectivo 2009/2010

Design de Comunicação e Audiovisuais |10º M | Leonel Cunha

uma coisa intrinsecamente complicada... as obras de arte não são utensílios: esta é uma questão de fundo”

(George Kubler, 1972)

Mais particularmente podemos agrupar os objectos em famílias. Tais agrupamentos ou divisão podem seguir critérios de: **configuração, função** ou ainda factores unificantes como o **material** ou certas **características da forma**.

O Engenheiro Holandês Kalf apresentou uma classificação baseada no tipo de apropriação do produto. Assim teríamos, de um lado, os produtos de uso individual, e do outro, os produtos de uso colectivo. Poder-se-ia estabelecer assim um diagrama bipolar. De um lado teríamos os produtos de menor complexidade estrutural, frascos de perfume, escova de dentes, etc., coincidindo com uma apropriação individualizada e uma carga semântica mais elevada. De outro lado, os objectos com uma complexidade estrutural mais elevada e uma menor carga semântica, aviões, navios autocarros, etc., de uso colectivo e de menores possibilidades quanto aos valores psicologico-simbólicos.

Partindo das várias classificações possíveis Gillo Dorfles propõe a seguinte esquematização:

-objectos de uso individual, com ou sem mecanismo, com funções bem definidas e pouco sujeitos a variações de moda ou de consumo. Boa parte dos electrodomésticos, instrumentos de precisão como os microscópios, aparelhos sanitários, etc.

-objectos de uso individual sujeitos a variações periódicas de gosto, ligados à moda, desempenhando uma função limitada e submetidos a um consumo rápido. Roupas elementos decorativos, etc.

Objectos “inúteis” fabricados segundo um projecto do tipo industrial, mas sem nenhuma finalidade prática. Múltiplos.

-certos elementos da arquitectura industrializada. Elementos de edifícios pré-fabricados.

Em conclusão, pode-se dizer que antes de iniciar uma classificação do objecto é preciso definir um critério que se deverá manter durante toda a operação classificativa. Este critério assentará na definição clara do objecto de estudo, isto é, se está a estudar a sociologia a estética ou a tecnologia do objecto. Da comparação das várias classificações resulta, para um dado objecto, uma maior consciência das suas dimensões psicologico-funcionais.

Escola Secundária Eça de Queirós

Ano Lectivo 2009/2010

Design de Comunicação e Audiovisuais |10º M | Leonel Cunha

RELAÇÃO SUJEITO / OBJECTO

Na civilização em que vivemos estamos rodeados de objectos com as suas mensagens incorporadas. Se quisermos sistematizá-las, podemos referir-nos a elas consoante o nível de linguagem, seja conotativo ou denotativo.

As primeiras estão dirigidas, geralmente, ao nosso desejo de posse e variam quanto ao género de posse a sugerir: promoção social, inteligência, juventude, etc. As segundas permitem-nos identificar a função do objecto e variam quanto à natureza do produto.

O objecto de uso pessoal, desempenha um papel importante de identificação do indivíduo fora de casa. O possuidor de determinados objectos sabe que estes lhe podem proporcionar um tipo de tratamento diferente, por parte daqueles a quem se dirige e especialmente a quem pretende impressionar. Na sociedade actual existe uma hiper-valorização do objecto, cuja posse nos faz permanecer dentro dos cânones sociais admitidos e propagandeados.

O papel atribuído ao objecto é a criação **de um universo artificial, adaptado à nossa escala e aos nossos interesses**. É através dos objectos que se transmitem os próprios modelos culturais, o próprio gosto, no qual se baseia a riqueza económica. É também através deles que o homem conserva a sua memória e identidade. Por isso, o objecto perdeu a sua identidade funcional, na medida em que **é consumido em função de outra coisa**.

De facto, nunca como hoje houve tanta quantidade de objectos a ponto de se tornarem os protagonistas do nosso universo doméstico e do nosso panorama urbano.

FUNÇÕES DO OBJECTO

Quando nomeamos um objecto, referimo-nos de facto a um tipo, colher, frasco, casa, carro, etc. Em rigor, o que executamos é uma abstracção que resulta da simbiose entre um tipo funcional e um tipo formal, componentes em termos variáveis, já que sem este não é possível realizar e concretizar aquele.

Quando analisamos um objecto temos que distinguir as várias funções que nele encontramos, o que podemos realizar, recorrendo à sua classificação em **funções principais** e **funções secundárias**, conforme o seu papel na definição tipológica do objecto. Assim à função principal de um dado objecto, juntam-se-lhe outras em extensão.

-função principal está ligada à essência da utilização de determinado objecto.

-função secundária é a capacidade suplementar do objecto apoiar ou alargar a realização da função principal.

Escola Secundária Eça de Queirós

Ano Lectivo 2009/2010

Design de Comunicação e Audiovisuais |10º M | Leonel Cunha

De uma forma abrangente podemos nomear três tipos de funções: **prática**, **estética** e **simbólica**. Se, por exemplo, pensarmos numa escova de dentes, sabemos que a sua função principal é de ordem prática. Aqui podemos referir a sua função prática enquanto função operativa.

-função operativa, capacidade de realização de uma determinada tarefa, na qual o objecto é produto auxiliar e extensão do próprio corpo.

Se utilizarmos vários objectos, escovas de dentes, na realização de uma instalação, numa galeria de arte, a sua função principal será de ordem estética. se fizermos um slogan do tipo: **“cuida dos teus dentes, como cuidas das tuas armas”** e lhe acrescentarmos a imagem do objecto, escova de dentes, a função principal será de ordem simbólica.

Se tomarmos como exemplo uma caneta, sabemos que com ela conseguimos realizar uma determinada tarefa: escrever. Esta pode ser a sua função principal. Mas há canetas de várias formas materiais e preços. Dependendo destes factores, à sua função principal podemos incorporar uma função secundária. Assim a caneta, para além do seu carácter operativo, assume um carácter simbólico, na medida em que o objecto em questão é consumido em função de outra coisa, onde se incorpora um nível de linguagem conotativo, relacionado com o desejo de posse.